

**ENEDINA ALVES MARQUES: A TRAJETÓRIA DA PRIMEIRA
ENGENHEIRA DO SUL DO PAÍS NA FACULDADE DE
ENGENHARIA DO PARANÁ (1940-1945)**

Jorge Luiz Santana¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória da curitibana Enedina Alves Marques, nascida em 1913, a primeira mulher a concluir o Curso de Engenharia no Paraná. A proposta da pesquisa é desvendar, enquadrar e dar manutenção à sua memória ao analisar o seu curso de vida. Ao mesmo tempo, busca-se também fornecer um exame sobre os dados qualitativos e quantitativos da sua trajetória na Faculdade de Engenharia do Paraná. A pesquisa possui um embasamento teórico-metodológico com discussões e argumentações sobre a História Cultural e a Micro História pensadas a partir de Peter Burke, Roger Chartier e Geovani Levi. A Biografia é usada como ferramenta metodológica e, o uso do Gênero como categoria de análise historiográfica por Joan Scott. A pesquisa evidenciou mostras de tratamento hierarquizado na Faculdade de Engenharia do Paraná

¹Bacharel em História – Memória e Imagem pela Universidade Federal do Paraná. Membro do Núcleo de Estudos Afro brasileiros (NEAB UFPR). negaotour@gmail.com.

quando do percurso de Enedina, seguindo um padrão normativo de classe social, etnia, gênero.

Palavras-chave: Memória, Gênero, Etnia.

Abstract: This work has the objective to analyze the trajectory of engineer Enedina Alves Marques, who was born in Curitiba, in 1913, being the first woman to end course at Engineering. The main purpose of research is to reveal, framing and giving maintenance to her memory at analysis of your course of life. At the same time, also to seeks to provide examination about the quantitative and qualitative data about the progress of her career in the faculty of \Engineering of Parana. The research has theoretical and methodological basement with discussions and argumentations about the thinking of Cultural History and Micro History, with basis on studies of Peter Burke, Roger Chartier and Geovani Levi. The Biography is used like a methodological tool, and use of gender as category of historical analysis by Joan Scott. The research showed the results of hierarchical treatment in Faculdade Engenharia do Paraná by which Enedina was present, according a standard norm of class, ethnicity, gender.

Keywords: Memory, Gender, Ethnicity.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória da curitibana Enedina Alves Marques, nascida em 1913, a primeira mulher a concluir o Curso de Engenharia no Paraná. Em 1940 buscou inserir-se em uma área profissional ocupada majoritariamente por homens. Entretanto, pouco se escreveu sobre a sua trajetória como aluna da Faculdade de Engenharia do Paraná (FEP). O silenciamento do seu nome incentivou a pesquisa a problematizar o porquê do desinteresse em dar visibilidade a uma pessoa que desafiou os padrões acadêmicos e sociais escolhendo uma profissão pouco usual para as mulheres, naquele momento. O fato de ser negra e originária de uma família pobre teria sido relevante para que ela permanecesse no anonimato?

A proposta do trabalho é desvendar, enquadrar e dar manutenção à memória de Enedina ao analisar o seu curso de vida, a sua biografia. Igualmente, fornecer um exame sobre os dados qualitativos e quantitativos em sua trajetória na Faculdade de Engenharia do Paraná. Ao perceber os embates presentes nos processos de enquadramento da memória de Enedina Alves Marques, em termos de investimento, a pesquisa poderia reorganizar a lembrança da mesma, assim como do grupo de mulheres negras acadêmicas excluídas e/ou invisibilizadas na

sociedade? E, paralelamente, efetuar um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade e de continuidade das tais memórias. Segundo Michael Pollak “a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”.²

A problemática colocada neste artigo é desvendar, refletir e compreender o que parecia fato comum, por ser a universidade um espaço para construir, fomentar e disseminar o conhecimento: por que, de modo geral, as mulheres negras acadêmicas durante a sua vida não tiveram a visibilidade ou notoriedade que, normalmente, os homens e as mulheres brancas tiveram? Quais os motivos que levaram Enedina como uma mulher, negra e pobre a buscar se inserir na Faculdade de Engenharia do Paraná? Como Enedina vivenciou a trajetória acadêmica? Até que ponto o discurso de um Paraná idealizado, europeizado, progressista, desenvolvimentista e moralizante, estabelecido a partir da sua elite e do Estado Novo, que projetava, em grande medida, a mulher à domesticidade, refletiu-se no comportamento da acadêmica Enedina?

² POLLACK, Michael. Memória e Identidade social. Rio de Janeiro. Revista Estudos Históricos. vol. 5, n. 10, 1992. pp. 200-220.

No primeiro momento, para conhecer e investigar a trajetória de Enedina na FEP, foram realizadas leituras que auxiliaram como referência bibliográfica na análise da pesquisa empírica. Nestas, são observadas que a construção das suas reminiscências foi iniciada com os estudos sociológicos de Octávio Ianni, “As Metamorfoses do Escravo”, em Curitiba no final da década de 1950 com o auxílio da própria Enedina e de outros paranaenses³. Todo o esforço de dar vozes às mulheres, torná-las visíveis e incluí-las na história tradicional paranaense, continuou com a pesquisadora negra Maria Nicolas, “Pioneiras do Brasil”⁴, no qual dados biográficos de 100 mulheres que contribuíram com o desenvolvimento do estado foram investigados e, em grande medida, muitas delas eram desconhecidas da sociedade paranaense - dentre estas, a própria Enedina.

Neste sentido, com o objetivo de homenagear os 75 anos de fundação da FEP, Ildefonso Puppi fez uma referência a todas as mulheres dos cursos de engenharia da instituição até 1973. A partir da leitura do texto, é possível observar que, mesmo ao colocar Enedina entre as mulheres homenageadas, a visão sobre ela traz uma ideia de

³ IANNI, Octávio. *Metamorfoses do Escravo*. São Paulo: Hucitec Curitiba: Scientia et Labor. 1988. p. 14.

⁴ NICOLAS, Maria. *Pioneiras do Brasil: Estado do Paraná*. Curitiba. 1977. pp. 105-106.

ajuda dos homens para o término da habilitação: “ela encontrou por parte dos colegas a solicitude e a colaboração que lhe facilitaram a conclusão do curso”⁵.

Ainda durante a fase de coleta de dados desta pesquisa, foram obtidas e utilizadas fontes orais a partir de depoimento e entrevistas com pessoas que se dispuseram a falar tanto sobre a vida de Enedina, quanto da sua própria vida. As memórias foram trabalhadas a partir do presente dos depoentes, entretanto elas são importantes no sentido de dar coerência às possíveis ambiguidades, lacunas, além de possibilitar contrapontos na pesquisa.

Adelino Alves da Silva⁶, em depoimento (2011), corrobora com memórias da sua trajetória ao lado de Enedina em diversos momentos dentro da FEP e, também durante a vida acadêmica, social e profissional de ambos. Elfrida Elisabeth Schierman Sickael⁷ foi

⁵ PUPPI, Ildefonso C. Fatos e Reminiscências da Faculdade. Curitiba. Funpar. 1986. pp. 122-123.

⁶ ADELINO Alves da Silva, (1915-) foi a quarta pessoa negra a se diplomar no curso de engenharia da Escola de Engenharia do Paraná, 1947, antes dele, Otávio Alencar, 1918, Nelson José da Rocha, 1938, e a Enedina Alves Marques. Entretanto, em seu depoimento ele se coloca como o terceiro engenheiro negro formado no estado. Em entrevista em 12 de abril de 2011 às 16:00h, realizada no Instituto de Engenharia do Paraná, (IEP), na Rua Emiliano Pernetá 174, Centro, Curitiba-Pr.

⁷ ELFRIDA Elisabeth Schierman Sickael, (1930-), é sobrinha de Iracema Caron, com quem Enedina conviveu desde 1935 até 1954. O seu primeiro contato com Enedina na casa da sua tia no Juvevê foi em 1937. Em entrevista concedida em 26 de novembro

entrevistada (2011) no sentido de compor a cena material para resgatar outras análises do ambiente fora da academia e, nestas cobrir as lacunas do depoimento feito por Adelino e, para além disto, perceber de que forma as suas memórias, pela proximidade, se manifestam no sujeito Enedina. Eleny Heibel Goncho⁸ foi entrevistada (2009) por Sandro Fernandes e Paulo Munhoz para o documentário “A Engenheira”, com detalhes da vida social e doméstica de Enedina.

As fontes documentais foram obtidas em diversas instituições de Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná; Arquivos do Setor de Tecnologia da Universidade Federal do Paraná; Arquivos da Câmara Municipal de Curitiba; Arquivos do Colégio Estadual do Paraná; Arquivo pessoal do Professor Sandro Fernandes; Arquivos da Secretaria de Educação e Cultura do Paraná; Arquivo Público do Paraná; Arquivo do Instituto de Engenharia do Paraná; Arquivos da Fundação Cultural de Curitiba e nos Arquivos do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Paraná.

de 2011, entre 15:00h e 16:30h, na Rua Santa Madalena Sofia Barat 190, Bairro Alto, Curitiba-Pr.

⁸ ELENY Heibel Goncho, (1938 – 2011), filha de Mathias e Iracema Caron, conviveu com a Enedina desde o seu nascimento em 1938 até 1954. Em entrevista com vídeo para **Paulo Munhoz** e **Sandro Fernandes**: Documentário **A Engenheira**. Em 5 de novembro de 2009 na TECNOKENA – Curitiba. O material foi gentilmente cedido por Sandro Fernandes para este trabalho.

No segundo momento, foram realizadas análises sobre o uso ou não da biografia como uma ferramenta metodológica e, também, a respeito do uso da mesma como gênero de construção historiográfica a partir das discussões promovidas entre Bourdieu (1998), Dosse (2009) e Levi (1996). Destarte, é necessária uma discussão entre a Biografia, como ferramenta metodológica para a construção historiográfica, e a História Cultural que tem como objetivo segundo Chartier⁹, “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Faz parte do debate, também, a Micro História por ser um gênero historiográfico onde estão enfatizados os valores das culturas regionais e dos conhecimentos locais. Esta, juntamente com a antropologia, dá à pesquisa uma alternativa de ampliar do micro para o macro “as experiências concretas, individuais ou locais de reingressarem na história”¹⁰.

No terceiro momento, a pesquisa demandou uma discussão sobre a História Cultural como uma alternativa à história política, a tradicional, àquela dos grandes feitos. Assim, é possível perceber que os

⁹ CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Introd. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. Trad. Maria Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990. p.16.

¹⁰ LEVI, Giovanni. Micro-história. In: Peter Burke (org.), *News Perspectives on Historical Writing*. Paris. 2ª ed., 1991, Cambridge, 2001, Jacques Revel (org.), *Jeux d'échelle*, 1996. pp. 97-119.

processos fundados a partir dela envolvem relações que são estabelecidas entre a compreensão adquirida através da leitura dos livros, dos artigos, das fontes escritas, depoimentos, entrevistas e monumentos, as quais foram efetuadas neste empreendimento sobre a trajetória de Enedina.

A pesquisa possui um balizamento teórico ancorado nas discussões de gênero como ferramenta metodológica para análise histórica fundamentada nos estudos de Joan Scott. A história pensada pela historiadora não é mais a respeito do que aconteceu a homens e mulheres e como eles reagiram a isso, mas sim a respeito de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidades foram construídos¹¹.

Devido à falta de força suficiente para integrar ou mudar os paradigmas históricos que privilegiam o sujeito masculino, Scott aponta para a necessidade de articular a noção de construção social com a noção de poder. “[...] gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”¹².

¹¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Porto Alegre. Revista Educação e Realidade, v. 16, n. 2, jul/dez. 1990. pp. 5-22.

¹² _____. Preface a gender and politics of history. Campinas. Cadernos Pagu, n°. 3, 1994. p. 13.

O desafio teórico da pesquisa é possibilitar fazer uma análise relacional entre experiências masculinas e femininas do passado, mas também, a ligação entre a história tradicional e as práticas históricas atuais. A primeira, aquela que se refere à existência de fenômenos ou realidades sem interpretá-los, explicá-los ou atribuir-lhes uma causalidade. A segunda, aquela que elabora teorias sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando como e porque assumem a forma que têm¹³.

Neste sentido, também, é possível estudar a indiferença e a invisibilidade de Enedina contidas nos esquemas de natureza socioeconômico, cultural e étnico nas formas subjetivas e simbólicas implícitas e explícitas na FEP.

Os desafios para análises da pesquisa continuam com um engajamento e forjamento, não amalgamadas, nas categorias política e social, de classe, cor e etnia, por dar a entender tratar-se de um assunto polêmico e, às vezes, paradoxal, visto que encontra receptividade e obstáculos entre um grande número de historiadores.

Peter Burke, ao historicizar e explicar o ofício do historiador cultural a partir das diferenças dos debates, conflitos, mas também dos interesses e tradições compartilhadas, considera complementares as

¹³ _____. 1990. p. 4.

abordagens difusas, amplas e opostas: uma preocupada em resolver os problemas internos da disciplina, e a outra, relacionada ao que os historiadores culturais fazem ao mesmo tempo em que vivem¹⁴. A história cultural é trabalhada intuitivamente, quantitativamente, em busca de significados, e ainda são focalizadas as práticas e representações. Logo, os seus objetivos podem ser vistos como essencialmente descritivos, ou como na história política pode e deve ser apresentada como uma narrativa.

ENEDINA ALVES MARQUES

Enedina Alves Marques foi a primeira mulher a se diplomar em engenharia civil na região sul do Brasil, em 1945. A sua formatura foi marcada, essencialmente, como um feito de grande curiosidade para a sociedade curitibana, pelo fato de ter conseguido transpor um espaço hegemonicamente masculino e branco. Aos 32 anos, a curitibana Enedina conseguiu ser a atração da solenidade de formatura de engenharia ao lado dos 32 homens, ocorrida no prédio Palácio Avenida, na Rua XV de Novembro esquina com a Rua Oliveira Belo.

¹⁴ BURKE, Peter. O que é história cultural? Introdução. Tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro. 2ª ed. revisada e ampliada, Jorge Zahar, 2008. pp 7-9.

O seu amigo e colega de curso Adelino Alves da Silva, em dezembro de 1945, esteve na solenidade de entrega do diploma de Enedina e lembra-se da homenagem recebida pela mesma com palavras e abraços dos colegas que durante o curso nem mesmo falavam com ela. A alta sociedade da época era diferente, “a elite não se misturava, não se relacionava com o povo nem de classe média nem de classe pobre”¹⁵. Ainda no evento, houve um estranhamento dos convidados no momento de entrega do diploma porque até o final da segunda guerra mundial em Curitiba, as mulheres se conformavam, em grande medida, em serem professoras.

Os pais de Eleny Goncho presenciaram o evento, e Enedina estava com uma vestimenta presenteada pela sua madrinha de formatura Iracema Caron, “[...], na formatura a minha mãe deu o vestido pra ela, compraram o tecido e fizeram o vestido, ela pediu aos meus pais que fossem conduzir ela aos eventos, solenidade e a festa, como se fossem os pais dela”¹⁶. Os pais e os familiares de Enedina não se fizeram presentes aos eventos que marcaram a diplomação da filha embora fossem vivos.

Os pais de Enedina, Paulo Marques e Virgília Alves Marques, casal de negros, chegaram a Curitiba na busca de melhores condições

¹⁵ ADELINO, op cit.

¹⁶ ELENY, op cit.

de vida, sem procedência correta, provenientes do êxodo rural ocorrido após a abolição da escravatura ocorrida em 1888. Dona Virgília ou, também, conhecida Dona Duca foi doméstica cuidou da casa, da família e trabalhou como lavadeira de ganho para várias famílias a fim de ajudar a manter as despesas domésticas. Contudo, o casal separou-se e Dona Duca juntamente com alguns filhos – sendo Enedina a única mulher – foram trabalhar e morar com a família do paranaense cafuzo militar intelectual republicano Domingos Nascimento¹⁷ no bairro Portão, então localizado nos arredores de Curitiba.

Eleny assevera que mesmo depois da morte do patrão e padrinho intelectual Domingos Nascimento em 1915, Dona Virgília, Enedina e alguns dos seus irmãos continuaram a trabalhar e viver com a família Nascimento durante mais de três décadas. Uma infância pautada no aprendizado e no fazer das tarefas domésticas como era comum às outras crianças de extratos mais baixo da sociedade curitibana do mesmo período. A adolescência de Enedina foi marcada com trabalho doméstico em casas de famílias e a diplomação em professora normalista em 4 de dezembro de 1931.

¹⁷ LORENZETTI, Fernanda. “O Futuro paranaense em seu meio natural: a escrita de Domingos Nascimento e a produção de uma identidade ao Paraná no início do século XX”. Revista Tempo, Espaço e Linguagem, v.1, n.1, jan./jul. 2010. pp. 45-59.

Contudo, entre os anos¹⁸ de 1932 e 1935 ocorreu uma pequena interrupção nas atividades de empregada doméstica, dado o fato de ter se tornado professora da rede pública de ensino em diversas cidades no interior do estado¹⁹. O retorno de Enedina para trabalhar em casa de família, da família Caron, mesmo sendo professora, pode ter sido uma estratégia para alcançar outros objetivos pessoais, como o ingresso no curso superior. Desta maneira, utilizou o mecanismo de trabalhar e morar na casa dos novos patrões, para superar a longa distância entre a casa da família Nascimento e os seus novos espaços de formação educacional.

TRAJETÓRIA EDUCACIONAL DE ENEDINA

Maria Nicolas considerou Enedina uma aluna inteligente e aplicada nos estudos. A sua alfabetização foi efetuada aproximadamente aos 12 anos, na Escola Particular da Professora Luiza Netto Correia de Freitas. Em seguida, fez o exame de pró-eficiência e foi transferida para o grupo escolar anexo à Escola Normal onde concluiu o curso primário

¹⁸ ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ: FICHA FINANCEIRA FUNCIONAL de Enedina Alves Marques. DEAP.

¹⁹ NICOLAS, op cit, p. 105.

e o complementar, sempre durante o período noturno²⁰. Foi em 1926 que ingressou na Escola Normal Secundária, - o Palácio das Instruções - , situado na Rua Emiliano Pernetá, esquina com a Rua Voluntários da Pátria, onde recebeu o seu diploma – o qual a credenciava ao ensino.

Em 1935, Enedina lecionava quando retornou à sala de aula na condição de aluna para qualificar através do Curso Madureza no Ginásio Novo Ateneu até 1937. O mesmo se enquadrava nas novas determinações das leis de educação do Estado que reproduziu o Artigo 100 do decreto federal²¹. Dentre as novas determinações estava aquela de que os professores deveriam fazer uma capacitação profissional de três anos para o exercício do ofício de professor com recursos próprios e um curso Complementar para ingresso em curso superior. A passagem de Enedina pelo curso Complementar de Pré-Engenharia aconteceu entre os anos de 1938 e 1939.

²⁰ Idem, ibidem.

²¹ STRAUBE, Ernani Costa. O Prédio do Gymnásio, 1903 – 1990. Curitiba. SEEC, 1990. p. 52.

HISTÓRICO DA FACULDADE DE ENGENHARIA DO PARANÁ

A Faculdade de Engenharia do Paraná fundada juntamente com as Faculdades de Direito e de Medicina por Victor Ferreira do Amaral e Silva e Nilo Cairo. Inicialmente, ocuparam um sobrado na Rua Comendador Araújo. Estas surgiram como instituições privadas, livres e observadas os critérios de unicidade e centralização com escolas e setores circunscritos a determinada área e com um único estatuto elaborado²².

A partir de um contexto histórico, político, social, cultural e, sobretudo, econômico, embasados em uma filosofia positivista, evolucionista e liberal que orientava o Brasil da Primeira República, os grupos da elite paranaenses ao criarem as faculdades não se apresentavam como instrumentos neutros, e sim como coligações de perpetuação dos sujeitos que deveriam controlar o poder a partir, também, de uma intelectualidade local. Sob o ponto de vista ideológico, conforme a análise empreendida por Boris Fausto, neste período, os interesses dos vários setores burgueses não se definiam diretamente

²² PUPPI, op cit, pp. 1-9.

segundo os critérios econômicos, mas tomavam a forma de disputas regionais pela conquista do poder central²³.

Assim, a conjuntura socioeconômica paranaense continuava a determinar os indivíduos com os seus lugares demarcados na sociedade. Neste processo, o que se destacou foi o papel da articulação das relações sociais de alguns dos intelectuais paranaenses, seja na forma característica da elite ervateira que possuía o controle econômico do Estado, o clientelismo a partir da nova burguesia, ou então na forma de uma relação positiva - o capital social. Segundo Pierre Bourdieu, capital é “uma relação social, isto é, uma energia social que não existe e não produz seus efeitos a não ser dentro do campo onde ele se produz e se reproduz”²⁴.

TRAJETÓRIA NA FACULDADE DE ENGENHARIA

Em dezembro de 1939 iniciou a trajetória acadêmica de Enedina Marques em requerimento escrito a próprio punho enviado ao diretor da FEP, solicitando inscrição para os exames de habilitação para ingressar

²³ FAUSTO, Boris. A Revolução de 1930. In: CARDOSO, Fernando Henrique. Corpo e Alma do Brasil. São Paulo. DIFEL, 1976. p.234.

²⁴ BOURDIEU, Pierre. Le capital social. Actes de la Recherche in Sciences Sociales. Paris, n. 31, 1980. pp- 2-3.

no curso de engenharia civil do ano de 1940. O ingresso dos acadêmicos no curso de engenharia acontecia com procedimentos iguais, todos tinham que ser aprovados nos exames, demonstrar a documentação exigida e fazer o pagamento total de 425\$000, - R\$ 2.129, 05 -, os valores pagos foram altos para uma professora e doméstica, estes correspondiam a quase dois salários mínimos na época que tinha o seu valor de 240\$000 o que corresponderia à quantia de R\$ 1.202, 29 em janeiro de 2011.

Durante o ingresso de Enedina na FEP em 1940 a instituição se tornou mais custosa aos alunos devido ao bloqueio nos repasses das subvenções feitas pelo governo federal neste ano. Desde a sua fundação até 1932, as três instâncias de governo - federal, estadual e municipal, as cidades: Curitiba, Morretes e Ponta Grossa - contribuíram com subvenções que corresponderam a até 80% do total da arrecadação da FEP. Entretanto, nas cláusulas das subvenções havia uma contrapartida para os proletários e os seus filhos deveriam ter-lhes garantidos a gratuidade do ensino superior com horas de serviços prestadas à instituição.

Era frequente virem as listas dos nomes favorecidos com um número bastante superior ao do limite convencionado, [...], não se tratava de estudantes reconhecidamente carentes, [...] Eram admitidos gratuitamente não apenas os

indicados e aceitos em decorrência da cláusula das subvenções mas também o aluno que fosse proletário ou filho menor de proletário sem meios para custear os seus estudos²⁵.

Segundo o professor Puppi, os alunos que fizeram o uso do programa de gratuidade foram os de pessoas influentes da sociedade paranaense e os raríssimos filhos de trabalhadores simples. Da mesma maneira como observado pela pesquisa, o colega de Enedina, professor normalista e filho de pedreiro, Adelino Silva afirma:

Enedina pagava [...], ela não ganhou o auxílio, o ensino gratuito era para os filhos dos peixinhos [...] eu requeri e o requerimento morreu no protocolo, nunca ninguém foi lá atrás de mim, requeri três anos nunca consegui, o último ano quem conseguiu pra mim foi o Diretório de Engenharia, porém eu já estava em uma situação que era boa e a Enedina nunca conseguiu²⁶.

Enedina não pagou moradia na casa de Iracema e Mathias Caron porque ali também era o seu local de trabalho. Havia uma contrapartida na relação entre Enedina e os seus patrões, pois ela “ajudava” a família nas atividades domésticas e os donos da casa não a remuneravam, este jogo ajudava no pagamento da sua mensalidade acadêmica.

²⁵ PUPPI, op cit, p. 32.

²⁶ ADELINO, op cit.

A trajetória de Enedina aconteceu em condições de intensas adaptabilidades ao curso de engenharia, de forma anual e em dois períodos²⁷ com disciplinas diferentes e algumas com pré-requisitos semestrais. Neste percurso, aconteceram vários embates entre Enedina e a instituição, os colegas e, sobretudo, com os professores. O espaço acadêmico da FEP na década de 1940 foi hegemonicamente masculino, elitizado econômica, social e com distinções étnicas que reproduziam os valores da sociedade paranaense da época, sobretudo de exclusão e invisibilidade do outro. Isto tornou o curso de engenharia, praticamente exclusivo ao grupo burguês paranaense.

Conradine Taggesell, a sexta mulher diplomada em engenharia civil na FEP em 1956, filha de engenheiro alemão e mãe bailarina clássica relatou:

Éramos uns oitenta alunos e apenas três mulheres. Apenas eu de mulher me formei naquela turma, as outras duas colegas infelizmente desistiram. Eu me dava bem com os professores. Naquele tempo a faculdade de engenharia era reduto masculino. Só tinha professores homens, [...] eu era a única mulher, a mascote, entre os colegas de turma,

²⁷ ARQUIVO DO SETOR DE TECNOLOGIA DA UFPR. op cit., Ficha de Aprovação de Aluno, Ficha 248, Pasta 539, 1945.

onde o patrono foi o professor Algacyr Munhoz Maeder, indicado por mim²⁸.

Diferentemente da fala da engenheira Taggesell, Eleny, a filha dos familiares com quem Enedina trabalhou e morou, relatou as angústias passadas por Enedina e da necessidade de um escudo masculino para fazer frente ao temor e assombro dos homens diante da presença de Enedina em sua trajetória na FEP:

Quando ela entrou pra fazer engenharia houve um receio por parte dos colegas, de ver uma mulher se metendo no meio dos homens [...], o meu tio Joto, o Harro Muller [...] estudavam juntos e emprestavam os cadernos que ela não podia comprar, eles a protegiam dos outros que começaram a fazer pouco²⁹.

Enedina Alves Marques teve uma trajetória acadêmica de seis anos na FEP devido à reprovação em algumas disciplinas. O curso de engenharia civil possuía uma duração de cinco anos. Entretanto, havia um elevado índice de evasão e reprovação ao longo do curso da turma que iniciava com a possibilidade de igualar-se à turma no terceiro semestre. O histórico escolar de Enedina apresenta exames de segunda época e reprovações em diversos momentos. Elfrida relata que havia

²⁸ CARVALHO, Marília; et Cascaes, Silva e Spanger. *Pioneira na Engenharia Civil em Curitiba: Memórias de uma Trajetória Singular*. VIII Congresso Latino Americano de Ciência, Tecnologia e Gênero. 2010. p. 7.

²⁹ ELENY, op cit.

preconceito e perseguição no espaço acadêmico e justifica ao afirmar que Enedina era bastante inteligente:

[...] ela foi reprovada algumas vezes, não sei em qual ano, em qual situação, que situação... (chora e faz uma pequena pausa), [...] ela foi reprovada e ela dizia: Eu não desisto, (pausadamente), eu vou até o fim, um dia eles enjoam da minha cara e me aprovam. E foi o que realmente aconteceu, ela não desistiu não, foi em frente³⁰.

Ao iniciar o curso em 1940, Enedina foi reprovada nas cadeiras de Cálculo Infinitesimal e Geometria Descritiva, e foi aprovada em segunda época no ano de 1941 em Cálculo Infinitesimal e em Geometria Descritiva em 1942. Em 1941, foi reprovada em Mecânica Racional Precedida de Elementos de Cálculos Vetorial disciplina considerada pré-requisito para disciplina de Física 1ª Cadeira, desta forma ficou impossibilitada de prestar exame de Física 1ª Cadeira e de cursar a disciplina de Resistência dos Materiais, Grafoestática.

Em 1942, Enedina foi reprovada novamente na disciplina de Mecânica Precedida de Elementos de Cálculos Vetoriais e continuou impossibilitada de prestar exames em Física 1ª Cadeira e de cursar Física 2ª Cadeira e Mecânica Aplicada, além de não poder cursar, novamente, Resistência dos Materiais, Grafoestática. Em 1943 prestou

³⁰ELFRIDA, op cit.

exames de segunda época em Mecânica Racional Precedida de Elementos de Cálculos Vetorial e conseguiu aprovação e, foi reprovada em Física 1ª Cadeira. Uma vez mais prestou os exames em Física 1ª Cadeira, Física 2ª Cadeira e Mecânica Aplicada para as quais conseguiu aprovações, entretanto, não obteve média em Resistência dos Materiais, Grafoestática ³¹.

Em 1944, foi submetida mais uma vez à avaliação de segunda época na disciplina de Resistência dos Materiais, Grafoestática e não conseguiu a aprovação, pois a nota na prova escrita obtida 5,0 e na prova oral 1,0. Diante das sucessivas reprovações na disciplina, seu colega Adelino foi perguntado se Enedina havia sido perseguida na faculdade e respondeu:

A única coisa que eu sei é que em uma prova o professor L disse prá Enedina, assim me contaram os colegas, - você não satisfez o meu exame. Não satisfeita, ela foi buscar o livro e falou: eu disse, o que o senhor escreveu no seu livro, [...] é o mesmo do seu livro que eu vejo aqui. E aí ele não gostou, [...] ela mostrou no livro: o que eu deduzi professor lá no quadro, e a conclusão que eu cheguei estão escritos aqui no seu livro [...] ³².

³¹ ARQUIVO DO SETOR DE TECNOLOGIA DA UFPR. op cit., Histórico Escolar, Ficha 248, Pasta 539, 1940.

³² ADELINO, op cit.

E ainda, sem ter conseguido a aprovação na disciplina de Hidráulica Teórica e Aplicada não obteve média para prestar os exames finais à cadeira de Resistência dos Materiais, Grafoestática e, conseqüentemente, por esta ser pré-requisito da cadeira de Estabilidade das Construções não foi possível prestar exames da última disciplina.

Segundo Adelino, a atitude do professor foi preconceituosa e desrespeitosa, porque ele também passou por uma situação idêntica quando fez cadeira de Resistência dos Materiais, Grafoestática com o mesmo professor.

Enedina sofreu, e eu sofri [...] sabe o que ele fez pra mim? Na primeira época eu tirei uma nota ótima e ele não considerou, e me reprovou. Fui obrigado a fazer exame em segunda época. [...] e fui lá falar com ele ver qual o motivo da anulação da prova, disse: Doutor eu e o Nei fizemos prova no mesmo horário e em salas diferentes. Eu não ia fazer um erro desses, [...] (aumentou o tom de voz e chorou e continuou); ele disse: [...] a prova está idêntica a do Nei, vocês fizeram a prova em salas diferentes, mas eu não volto atrás, e daí, injustamente, fiz exame em segunda época em 1946 e fui aprovado³³.

Em 1945 Enedina prestou o exame de segunda época na disciplina de Hidráulica Teórica e Aplicada e foi aprovada. Diante do resultado positivo submeteu-se ao exame de Resistência dos Materiais,

³³ Idem, ibidem.

Grafoestática e foi também aprovada com nota na prova escrita 1,0 e a prova oral 6,0, grau 4,0 - a pesquisa percebeu que houve uma inversão nas notas entre as provas escritas e as orais dos primeiros exames para os da segunda época. Finalmente em 1945, matriculou-se na disciplina de Estabilidade das Construções do 4º ano, e também em todas as cadeiras do 5º ano quando conseguiu aprovação em todas elas. A última avaliação aconteceu no dia 15 de dezembro de 1945, 24 horas antes da colação de grau de Engenheira Civil em sessão solene e com a expedição do diploma de Engenheira Civil³⁴ no dia posterior.

ANÁLISES DA PESQUISA

No primeiro momento, ao dar curso à análise da trajetória de Enedina na FEP o estudo buscou comparar o desempenho acadêmico da mesma a partir do seu assentamento e histórico na disciplina de Resistência dos Materiais e Grafoestática, ofertada pelo Professor F S L, com o desempenho de outros três alunos de engenharia civil na FEP na possibilidade de encontrar respostas para a problemática posta.

Destes alunos, dois eram estudantes de sexos diferentes, brancos que possuíam parentes influentes no meio social paranaense, familiares

³⁴ ARQUIVO DO SETOR DE TECNOLOGIA DA UFPR: Diploma de Engenheiro Civil de Enedina Alves Marques, Ficha 248, Pasta 539, 1945.

com trajetória no ensino superior em engenharia civil e que não tiveram que trabalhar para custear os seus estudos, e o terceiro estudante, um homem negro com parentes sem influência no meio social paranaense, familiares sem trajetória no meio acadêmico e que tivesse exercido uma atividade remunerada durante o curso, assim, como Enedina. Todos os estudantes selecionados, também tinham que ter concluído o curso de engenharia para que houvesse paridade com a aluna Enedina Alves Marques nos quesitos gênero, socioeconômico, cultural e étnico.

O período observado foi nos anos 1945, 1946 e 1949 por terem sido os anos em que a disciplina foi aplicada para os diferentes alunos selecionados pelo mesmo professor. A origem profissional é pensada como uma definição que implica a ideia de origem econômica, ou mesmo, precedência social e indica as ocupações extras dos alunos em paralelo com a realização do curso. O gênero é raciocinado a partir do conceito da Scott onde, “[...] gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”³⁵, como já foi citado anteriormente.

A idade é dada a pensar a partir da fase de vida em que cada aluno ingressou no curso e a mesma com que cada aluno finalizou a

³⁵ SCOTT, 1994, p. 13.

disciplina de Resistência dos Materiais e Grafoestática com o mesmo professor. A etnia também é pensada sob o prisma de Octávio Ianni nos resultados das suas pesquisas em Curitiba, pelas identidades culturais defendidas por contraste de valores distintos de cada grupo, que podem ser equivalentes ou não, ao mesmo tempo em que o uso da cor da pessoa representa uma classificação social para época. As notas são as médias utilizadas e transcritas dos resultados das avaliações orais e escritas observadas em cada um dos assentamentos dos alunos e perpassados para os respectivos históricos acadêmicos. Já o grau são os valores das médias em número inteiro subsequente às médias recebidas pelos acadêmicos.

No segundo momento, foram selecionados os estudantes brancos, M L S, que concluiu o curso em 1951, e sobrinho de professor universitário F S L, foi monitor e bolsista; e F M G³⁶, filha de casal de engenheiros franceses, a segunda estudante diplomada no Paraná em 1951. Ainda foi selecionado o estudante negro Adelino Alves da Silva, - filho de casal liberto, pai pedreiro e mãe doméstica, foi professor normalista, concluiu o curso de engenharia em 1947-, para averiguar e

³⁶ F M G após a diplomação em Engenharia na FEP fez especialização em Planejamento Urbano em Paris. Isto, a torna pioneira em planejamento urbano na cidade de Curitiba. Possui um ponto de memória no Jardim Botânico de Curitiba em sua homenagem.

comparar com a trajetória acadêmica de Enedina Alves Marques que concluiu o curso em 1945, - filha de casal liberto, pai sem profissão definida e mãe doméstica, - professora normalista e doméstica.

No terceiro momento, a partir dos dados observados, foi construída uma tabela e considerados os desempenhos individuais de todos, nas avaliações que constam em seus assentamentos e, transcritas para os históricos acadêmicos, as médias e as estas conferidas os devidos graus. Grau é uma classificação sempre para cima com a aproximação das médias encontrada em todos os Assentamentos Escolares, decorrentes dos exames e provas.

A tabela foi construída com o período em que cada aluno cursou a disciplina, os nomes dos alunos, as atividades desenvolvidas durante o curso, o gênero, a idade de entrada na faculdade e a idade com que a disciplina foi ministrada, o grupo étnico ao qual cada aluno pertencia, as médias para aprovação na disciplina e, finalmente, os respectivos graus correspondentes às médias individuais.

Ano	Acadêmico	Atividades	Gênero	Idade	Etnia-Cor	Médias	Grau
1949	M L S	Estudante/Monitor	Masc	18/20	Branca	5,75*	6,0
1946	Adelino	Normalista	Masc	27/29	Negra	4,5	5,0
1949	F M G	Estudante	Fem	18/20	Branca	4,0 (4,75)*	5,0
1945	Enedina	Normalista/Doméstica	Fem	27/32	Negra	3,5	4,0

37

Observações:

*M L S foi monitor e recebeu bolsa do curso de engenharia e não consta no seu assentamento escolar a nota da sua prova oral, consta somente uma nota, o da prova escrita.

*F M G possui valores diferentes na avaliação entre o seu assentamento escolar e o seu histórico acadêmico, no primeiro aparece a média 4,0 e no histórico acadêmico está transcrita a média 4,75.

O Desempenho acadêmico de Enedina Alves Marques se encontra em último lugar na comparação com os dados dos históricos acadêmicos dentre todos os colegas – M L S média 5,75³⁸ grau 6,0, F M G média 4,0 perpassada (4,75)³⁹ grau 5,0, Adelino da Silva média 4,5⁴⁰

³⁷Tabela observada na monografia de Lucilene Soares e, Construir a diversidade brincando: como os jogos podem contribuir no debate étnico-racial no espaço escolar, adaptada para pesquisa.

³⁸ ARQUIVO DO SETOR TECNOLÓGICAS DA UFPR: Assentamento Escolar 1949 e Histórico Acadêmico. Pasta número 1348.

³⁹ Idem: Assentamento Escolar 1949 e Histórico Acadêmico. Pasta número 1326.

⁴⁰ Idem: Assentamento Escolar 1946 e Histórico Acadêmico. Pasta número 801.

grau 5,0, Enedina Marques média 3,5⁴¹ grau 4,0 - o que, à primeira vista, pode parecer que a mesma teve um rendimento inferior a todos os alunos analisados.

Puppi afirma que Enedina teve a conclusão do curso facilitada devido à solicitude e a colaboração dos colegas. O estudo identificou a solidariedade de alguns colegas e amigos quanto ao empréstimo de material e livros com objetivo destes serem copiados. Entretanto, a pesquisa anotou também por parte da instituição, professor e de outros colegas, demonstrações de tratamento diferenciado com a estudante Enedina Alves Marques. Foram encontradas para os demais estudantes formas de tratar diferenciadas e com privilégios, em comparação à mesma, em diferentes momentos, sendo estas de forma preconceituosa e discriminatória. a disciplina de Resistência dos Materiais e Grafoestática

A disciplina de Resistência dos Materiais e Grafoestática foi determinante para um maior investimento acadêmico, custo financeiro, na conclusão do curso pela Enedina, e representou um ano a mais de desgaste psico emocional em função das exigências acadêmicas.

Os resultados da pesquisa encontrados através da trajetória de Enedina na FEP não determinam uma inferioridade intelectual ou de

⁴¹ Idem: Assentamento Escolar 1945 e Histórico Acadêmico. Pasta número 539.

qualquer outra natureza por a mesma ser pobre, mulher e negra. Ildfonso Puppi (1986) ao dar uma visibilidade às mulheres diplomadas pela FEP e, em seguida, condicionar a conclusão do curso de Enedina à solicitude e à colaboração dos colegas, reproduziu e fortaleceu uma construção social embasada nas distinções entre classe social, sexos, etnia e cor encontrada na sociedade curitibana a partir de um padrão normativo que se reproduziu na FEP, assim, como denotou o poder por parte de um grupo hegemônico na instituição.

Conseqüentemente, o professor retirou-lhe o mérito do esforço empreendido através da sua força de vontade, coragem e disciplina, para subverter uma distinção social. Desta forma, é reafirmado o preconceito e discriminação de classe, gênero e etnia construída pela sociedade curitibana e presente na FEP como foi percebido no caso de Enedina.

Ao confrontar e averiguar os históricos e assentamentos acadêmicos entre os estudantes de sexos diferentes brancos com influências no meio social paranaense versus dois estudantes de sexos diferentes negros e trabalhadores, entre si, durante o período de 1945 a 1951, notou-se um tratamento diferente da instituição que privilegia os estudantes brancos em detrimento aos estudantes negros.

A branquidade normativa, a identidade padrão, presente na elite burguesa paranaense foi encontrada também dentro da FEP, na qual um homem branco e de classe social alta, foi considerado a identidade ideal do paranaense. Dessa maneira, apareceu à prerrogativa da mulher branca sobre o homem negro, e o proveito do homem negro sobre a mulher negra. O lugar de onde se falava, de onde se vinha e quem falava influenciou a trajetória acadêmica de Enedina na FEP e os seus resultados socioeducativos e conclusivos. O privilégio de ter sido de classe social superior, ter sido homens e as etnias as quais pertenciam, ou seja, a cor da pele verificada demonstrou, também, favorecimento sobre a mulher negra Enedina Alves Marques dentro da instituição.

A partir da trajetória de vida de Enedina Alves Marques foi possível encontrar resultados que demonstraram que é um equívoco pensar que as mulheres negras acadêmicas não obtiveram a visibilidades e notoriedade que os homens e mulheres brancas possuem por não serem inteligentes ou, então, incompetentes para alcançarem o reconhecimento da sociedade. Entretanto, as dificuldades enfrentadas durante a trajetória acadêmica de Enedina na FEP não a impediram de tornar-se a primeira engenheira diplomada na região sul do país, e a primeira engenheira negra do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Le capital social**. Actes de la Recherche in Sciences Sociales. Paris, n. 31, 1980.

BURKE, Peter. **História cultural: passado, presente e futuro**. *In:* _____. O Mundo como teatro: estudos de antropologia histórica. Lisboa: DIFEL, 1992.

_____. Introdução. **In:** _____. **O que é história cultural?** Tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro. 2ª ed. revisada e ampliada, Jorge Zahar, 2008.

CARVALHO, Marília; et Cascaes, Silva e Spanger. **Pioneira na Engenharia Civil em Curitiba: Memórias de uma Trajetória Singular**. VIII Congresso Latino Americano de Ciência, Tecnologia e Gênero. 2010.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1990.

DOSSE, Francois. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp. 2009.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**. *In:* CARDOSO, Fernando Henrique. *Corpo e Alma do Brasil*. São Paulo. DIFEL, 1976.

IANNI, Octávio. **Metamorfoses do Escravo**. São Paulo: Hucitec Curitiba: Scientia et Labor. 1988.

LORENZETTI, Fernanda. **“O Futuro paranaense em seu meio natural: a escrita de Domingos Nascimento e a produção de uma identidade ao Paraná no início do século XX”**. Revista Tempo, Espaço e Linguagem, v.1, n.1, jan./jul. 2010.

Disponível em: <
<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/article/view/2604/1946> >
Acessado em 14/05/2013 às 11:00h.

NICOLAS, Maria. **Pioneiras do Brasil: Estado do Paraná**. Curitiba. 1977.

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade social**. Rio de Janeiro. Revista Estudos Históricos. vol. 5, n. 10, 1992.

PUPPI, Ildefonso C. **Fatos e Reminiscências da Faculdade**. Curitiba. Funpar. 1986.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Porto Alegre. Revista Educação e Realidade, v. 16, n. 2, jul/dez. 1990.

_____. **Preface a gender and politics of history**. Campinas/ SP. Cadernos Pagu, n°. 3, 1994.

SOARES, Lucilene Aparecida. **Construir a diversidade brincando: como os jogos podem contribuir no debate étnico-racial no espaço escolar**. Curitiba. Monografia. Universidade Tuiuti do Paraná. 2009.

STRAUBE, Ernani Costa. **O Prédio do Gymnásio, 1903 – 1990**. Curitiba. SEEC, 1990.